

PERSPECTIVAS DE GÊNERO NO PROCESSO DE SUCESSÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR

BRANDT, Mirgon Jaco¹; LAGO, Adriano²; DREBES, Laila Mayara³; CHECHI, Letícia Andrea⁴.

¹Acadêmico do Curso de Agronomia da Universidade Federal de Santa Maria, *Campus* de Frederico Westphalen, E-mail: mirgon.brandt@hotmail.com; ² Prof. Adjunto da Universidade Federal de Santa Maria, *Campus* de Palmeira das Missões, Departamento de Administração, E-mail: adrianolago@yahoo.com.br; ³Acadêmica do Curso de Agronomia da Universidade Federal de Santa Maria, *Campus* de Frederico Westphalen; ⁴Acadêmica do Curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Santa Maria, *Campus* de Frederico Westphalen.

1 INTRODUÇÃO

A sucessão geracional na agricultura familiar varia de acordo com a região e o contexto onde estão inseridas. A perspectiva de continuidade da agricultura familiar e de suas unidades produtivas depende de uma série de fatores que dificultam ou facilitam a permanência dos jovens no meio rural, sendo que esses fatores não são únicos e nem isolados, mas interligados entre si (BRUMER & SPANEVELLO, 2010). Esta condição apresenta características distintas sob a ótica de gênero, onde a socialização nas atividades agrícolas ocorre com maior ênfase entre os rapazes do que entre as moças.

O interesse pelo tema decorre do elevado índice migratório por parte dos jovens rurais em direção as cidades, sendo essa condição mais observada entre as moças, implicado no envelhecimento e masculinização do meio rural. Esta situação tem comprometido o processo de reprodução dos estabelecimentos rurais, bem como, alterado as condições econômicas, sócias e culturais aos locais de ocorrência. Dentro da temática em questão o trabalho busca apresentar as diferentes perspectivas entre moças e rapazes no contexto da sucessão na agricultura familiar.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O presente estudo foi realizado no município de Palmitos localizado no Oeste de Santa Catarina. O município possui 372 Km², e conta com uma população de 17.000 habitantes, sendo que a população é predominantemente de descendentes alemães e italianos. A coleta dos dados foi realizada em meados do ano de 2010. As informações foram coletadas por meio de questionário padronizado, com base nos trabalhos de Abramovay *et al.* (1998), e Spanevello (2008) os quais foram adaptados aos objetivos do estudo e à realidade do município. No total foram aplicados 200 questionários para uma população de jovens rurais na faixa etária de 16 a 19 anos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar a Tab. 1 é possível observar que independente do sexo a maior parte dos jovens expressa o desejo de sair do meio rural, buscado atividades não agrícolas, sendo um número muito baixo de jovens que realmente desejam permanecer na agricultura como agricultores. Ainda é possível destacar que as perspectivas são distintas entre os sexos, onde as moças de maneira geral

expressam um desejo maior em realizar atividades fora do meio rural. Segundo Spanevello (2008) o intenso êxodo juvenil, com destaque para o feminino, tem trazido problemas sociais ao meio rural através de masculinização e envelhecimento no campo. Esse cenário de abandono do meio rural por parte das moças tem dificultado ainda mais o processo de reprodução social da agricultura familiar, embora os rapazes estejam dispostos a serem agricultores familiares, têm dificuldade de encontrar parceiras para constituir suas famílias.

Tabela 1 – Perspectiva dos jovens em relação ao seu futuro

Respostas	Rapazes (%)	Moças (%)
Permanecer na agricultura como agricultor (a)	15	3
Trabalhar e morar na cidade	12	15
Ficar no meio rural, trabalhando em atividades não agrícolas	10	3
Continuar estudando	63	79
Outras	0	0
Total	100	100

Falta de oportunidade, e a falta de autonomia são expressões que definem a atual condição dos jovens nas propriedades familiares. A falta de oportunidade está relacionada à ausência de alternativas de produção, bem como introdução de novas tecnologias, e em muitos casos a falta de diversificação da produção. A falta de oportunidade para os jovens é evidenciada na negação de um espaço de trabalho dentro da propriedade para que desenvolvam seus próprios projetos, também quando não são atendidas as suas demandas de formação e informação que visam o desenvolvimento de alguma atividade produtiva.

Ao fazer referência à falta de autonomia, esta pode ser analisada de varias formas. O primeiro ponto em destaque é a falta de apoio da família, em especial dos pais, para que o jovem possa executar seus projetos na propriedade, esse aspecto é agravado quando o jovem não participa da tomada de decisões nas propriedades. No caso das moças, a falta de autonomia pode ser ainda pior, pois na maioria das propriedades as moças ficam de fora da gestão e geralmente, nem chegam a opinarem nos processos decisórios. As moças em geral relatam que vivem insatisfeitas com a sua condição.

Observando-se as Tab. 2 e 3 pode-se verificar que rapazes e moças apresentam baixa participação nas principais decisões do estabelecimento, estando estes mais ligados às atividades rotineiras como: tratar animais, ordenhar, limpar chiqueiros e estábulos, cuidar dos afazeres domésticos no caso das moças e atividades de plantio, colheita e tratos culturais entre os rapazes. No entanto é possível destacar que os rapazes têm um maior contato com as atividades produtivas em relação às moças, o que mostra que as moças estão mais distantes da condição de agricultoras.

Pode-se mencionar que o desinteresse feminino pelas atividades agrícolas decorre de um processo de socialização, através do qual elas não são consideradas como trabalhadoras principais da unidade de produção familiar, sendo escassas as perspectivas de herdar a terra, dessa forma são estimuladas a estudar para buscar uma atividade ocupacional não agrícola, sendo que suas atividades na unidade de produção estão mais voltadas aos afazeres domésticos, do que propriamente com atividades agrícolas. Ao contrário, o trabalho na lavoura é

identificado como produtivo, pois dele se obtém renda (WOORTMANN, 1995). Isso reafirma a tendência das jovens em buscar na cidade uma renda fixa e autonomia financeira, muitas jovens reforçam que gostariam de morar no interior, mas não gostam do trabalho agrícola.

Tabela 2 – Participação nas atividades da propriedade - Rapazes

Atividades	Sempre (%)	Muitas vezes (%)	Poucas vezes (%)	Nunca (%)
Decisão referente ao plantio e colheita da safra	10	13	45	32
Contato com os técnicos e extensionistas	14	13	53	20
Venda da produção agrícola	10	21	28	41
Plantio, colheita e tratos culturais	40	30	20	10
Tomada de decisão sobre o uso de recursos	13	10	44	33
Cuidar dos afazeres domésticos	3	9	38	50
Tratar animais, ordenha, limpar chiqueiros e estábulos	51	24	17	8

Tabela 3 – Participação nas atividades da propriedade - Moças

Atividades	Sempre (%)	Muitas vezes (%)	Poucas vezes (%)	Nunca (%)
Decisão referente ao plantio e colheita da safra	0	4	13	83
Contato com os técnicos e extensionistas	0	10	44	46
Venda da produção agrícola	5	12	15	68
Plantio, colheita e tratos culturais	3	12	30	55
Tomada de decisão sobre o uso de recursos	3	5	21	71
Cuidar dos afazeres domésticos	70	17	10	3
Tratar animais, ordenha, limpar chiqueiros e estábulos	44	20	18	18

Ao verificar a Tab. 4 nota-se que entre os rapazes há um aumento mais significativo da participação nas decisões da propriedade em relação às moças. Além de não haver um aumento significativo na participação feminina, uma parcela das jovens não participava das decisões na propriedade, corroborando com as observações de que as moças estão menos ligadas às atividades agrícolas, sendo esse quadro condicionante para uma maior afastamento da condição de sucessora.

Abramovay *et al.* (1998, p. 74) menciona que o “processo sucessório e, de certa forma, toda a organização do processo de trabalho são enviesados contra a mulher. Isso não é novo e consiste num traço verdadeiramente secular das formas familiares de produção em todo o mundo”. Spanevello (2008) destaca que as moças vislumbram a possibilidade de sair do meio rural em busca de profissão urbana, não desejando permanecer no meio rural e nem ser agricultoras, entretanto a maioria dos rapazes pretende ficar e se estabelecer na atividade agrícola.

Tabela 4 – Participação nas decisões da propriedade

Respostas	Rapazes	Moças
-----------	---------	-------

	(%)	(%)
Está diminuindo	10	8
Continua igual	43	50
Está aumentando	37	7
É responsável pela propriedade	0	0
Não participa das decisões	10	35
Total	100	100

4 CONCLUSÃO

Dentro do universo que envolve o processo sucessório na agricultura familiar, as perspectivas de gênero não podem ser ignoradas e nem tratadas de forma secular. Moças e rapazes vivem em contextos diferentes dentro dos estabelecimentos familiares, e expressam de formas distintas as relações com as atividades agrícolas da unidade de produção, repercutindo num maior ou menor interesse pela continuidade das atividades da família. As moças geralmente estão em segundo plano no processo sucessório, sendo que essa condição faz com que as mesmas busquem no meio urbano a realização profissional, pessoal e financeira, embora em alguns casos o real desejo fosse de permanecer no meio rural.

Um ponto chave, que determina a ocorrência do processo de sucessão ou não, está relacionado com a possibilidade que o jovem tem de vir a ser ou não o sucessor da unidade familiar. Saber quem será o sucessor da propriedade determinará as diferentes interações e interesses em relação às atividades produtivas da propriedade, podendo variar de um completo envolvimento ao total afastamento e desinteresse.

O fato de saber que não será o sucessor desvincula os jovens dos compromissos de ficar na propriedade. Dessa forma a migração não é apenas uma escolha de ficar ou sair, mas a melhor possibilidade. Esse fator é mais observado entre as moças, haja vista que estas geralmente são excluídas da posição de candidatas a sucessão, cabendo apenas a opção de sair e buscar uma possibilidade melhor. Essa condição é evidenciada na maioria das propriedades, onde as moças são incentivadas a estudarem e buscar um futuro fora do meio rural.

5 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo *et al.* **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios.** Brasília. Unesco, 1998.

BRUMER, Anita; SPANEVELLO, Rosani Marisa. **Jovens agricultores da Região Sul do Brasil.** Porto Alegre: UFRGS; Chapecó: Fetraf-Sul/CUT, 2008. Relatório de Pesquisa.

SPANEVELLO, Rosani Marisa. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar.** 2008. 236 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. **Herdeiro, Parentes e Compadres: Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste.** 1. ed. Brasília/São Paulo: EDUnB/Hucitec, 1995. v. 1.